

O Beato JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

Fundador do Opus Dei

Propriedade: Vicariato do Opus Dei em Portugal
R. Esquerda ao Paço do Lumiar, 54, 1600-447 LISBOA
Página na Internet: www.opusdei.org • e-mail: Lisboa@opusdei.org
Impresso por: Publicit Gráfica, R. Jorge Colaço, 16-C, 1700-253 LISBOA

*Este Boletim Informativo publica-se com aprovação eclesiástica da
Congregação para as Causas dos Santos.*

BOLETIM INFORMATIVO N.º 16 – LISBOA

O Beato Josemaría Escrivá de Balaguer nasceu em Barbastro (Espanha) a 9 de Janeiro de 1902. Foi ordenado em Saragoça a 28 de Março de 1925.

No dia 2 de Outubro de 1928, em Madrid, fundou, por inspiração divina, o Opus Dei, que abriu aos fiéis um novo caminho de santificação no meio do mundo, através do exercício do trabalho profissional e o cumprimento dos próprios deveres pessoais, familiares e sociais, sendo assim fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. No dia 14 de Fevereiro de 1930, o Beato Josemaría Escrivá entendeu, com a graça de Deus, que o Opus Dei devia desenvolver também o seu apostolado entre as mulheres; a 14 de Fevereiro de 1943 fundou a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, inseparavelmente unida ao Opus Dei. O Opus Dei foi aprovado definitivamente pela Santa Sé a 16 de Junho de 1950; e a 28 de Novembro de 1982 foi erigido como Prelatura pessoal, que era a configuração jurídica desejada e prevista pelo Beato Josemaría Escrivá.

Com oração e penitência constantes, com o exercício heróico de todas as virtudes, com amorosa dedicação e solicitude infatigável por todas as almas, e com uma entrega contínua e incondicional à vontade de Deus, promoveu e dirigiu a expansão do Opus Dei por todo o mundo. Quando entregou a alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido pelos cinco continentes e contava com mais de 60.000 membros de 80 nacionalidades, ao serviço da Igre-

ja, com o mesmo espírito de plena união e veneração ao Papa e aos Bispos que animava o Beato Josemaría Escrivá.

A Santa Missa era a raiz e o centro da sua vida interior. O sentido profundo da sua filiação divina, vivido numa contínua presença de Deus Uno e Trino, levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a ter uma devoção vibrante e cheia de ternura a Nossa Senhora e a S. José, a dar-se com confiança e de forma habitual com os Santos Anjos da Guarda e a ser semeador de paz e de alegria por todos os caminhos da terra.

Repetidas vezes ofereceu a vida pela Igreja e pelo Romano Pontífice. O Senhor acolheu esse oferecimento e Mons. Escrivá entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de Junho de 1975, no seu gabinete de trabalho.

O seu corpo repousa na igreja prelatícia de Santa Maria da Paz – viale Bruno Buozzi 75, Roma –, continuamente acompanhado pela oração e o agradecimento das suas filhas e filhos e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e os ensinamentos do Fundador do Opus Dei. A sua causa de canonização foi introduzida em Roma no dia 19 de Fevereiro de 1981. O Santo Padre João Paulo II declarou a heroicidade das suas virtudes cristãs no dia 9 de Abril de 1990 e, a 6 de Julho de 1991, decretou o carácter milagroso de uma cura atribuída à sua intercessão. O Fundador do Opus Dei foi beatificado por sua Santidade o Papa João Paulo II, em Roma, no dia 17 de Maio de 1992.

ORAÇÃO

Ó Deus, que concedestes graças inumeráveis ao Bem-aventurado Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei que eu também saiba converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e simplicidade, a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor.

Dignai-Vos conceder a canonização do Beato Josemaría e, por sua intercessão, o favor que Vos peço... (peça-se). Amen.

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

Este Boletim Informativo distribui-se gratuitamente. Quem quiser ajudar a custear esta edição poderá enviar os seus donativos para Prelatura do Opus Dei – Departamento para as Causas dos Santos, R. Esquerda do Paço do Lumiar, 54, 1600-447 LISBOA ou então, por transferência bancária, para a conta D.O.210/78730, do Banco Nacional Ultramarino, Arco do Cego, 1000-140 LISBOA.

Agradecemos o envio do nome e morada de pessoas a quem possa interessar receber este Boletim Informativo ou pagelas com a oração ao Beato Josemaría Escrivá.

Capa: O Beato Josemaría na escola desportiva «Braf», no dia 25 de Novembro de 1972.

PAI DE MISERICÓRDIA

Ao dedicar este «terceiro e último ano preparatório do Grande Jubileu» a Deus Pai, o Santo Padre abriu-nos horizontes cheios de significado¹.

O Papa recorda-nos que «toda a vida cristã é uma grande peregrinação para a casa do Pai»². A nossa vida na terra provém de um acto de amor de Deus, que nos criou e nos deu os meios para que pudéssemos vir a ser eternamente felizes com Ele, no Céu. Ao agradecer-Lhe os seus dons, não podemos esquecer que Deus «nos escolheu, antes da criação do mundo, para sermos santos e sem mancha na sua presença». É uma meta bem alta, mas o Senhor concede-nos pela sua bondade aquilo que não poderíamos alcançar com as nossas forças.

SOMOS FILHOS DE DEUS

O maior dom que recebemos é a graça que nos santifica, tornando-nos filhos de Deus. Como diz S. Leão Magno: «Este é o dom que ultrapassa todos os outros: que Deus chame filho ao homem e o homem chame Pai a Deus»³. Para um cristão, a dimensão mais familiar da paternidade de Deus é a sua misericórdia infinita. A missão redentora de Cristo pode resumir-se em dar-nos a conhecer o «Pai de toda a misericórdia»⁴. Esta revelação cumpre-se em plenitude na Cruz, em que o Pai aceita o sacrifício do seu próprio Filho pela salvação dos homens⁵. Todos os dias, escreve João Paulo II, descobrimos «o seu amor sem condições por todos os homens, e em particular pelo “filho pródigo”»⁶.

O REGRESSO AO PAI

No último ano de preparação para o Jubileu, a Igreja convidou-nos a acorrermos à misericórdia divina, percorrendo «um caminho de autêntica conversão, que envolve tanto um aspecto “negativo” de libertação do pecado, como um aspecto “positivo” de escolha do bem»⁷: de luta contra os nossos defeitos e de decisão definitiva de entregar a vida inteira ao Senhor, de O amar com todas as forças, de O servir sem condições, descobrindo a nossa vocação pessoal.

Para nós, homens, inclinados ao pecado, amar é também ter contrição das culpas cometidas – «intensa celebração do sacramento da Penitência no seu significado mais profundo»⁸ – e esforço por comunicar aos que nos rodeiam a alegria de termos sido perdoados e sermos filhos queridíssimos do Pai⁹. Como escreveu João Paulo II na bula de convocação do grande jubileu do ano 2000, «o abraço do Pai àqueles que se arrependeram e vão ao seu encon-

tro será a justa recompensa pelo reconhecimento humilde das culpas pessoais e alheias, fundado no profundo vínculo que une todos os membros do Corpo Místico de Cristo entre si»¹⁰.

METAS CONCRETAS

Ao propor esta meta aos cristãos, o Santo Padre lembra-nos que, por participarmos da vida divina pela graça, podemos e devemos converter a nossa vida num acto de amor: «A caridade, na sua dupla faceta de amor a Deus e amor aos irmãos, é a síntese da vida moral do crente»¹¹. Alguns dos gestos de caridade com o próximo sugeridos pelo Papa são o esforço por promover a paz, a solidariedade, a justiça, a liberdade. São objectivos pelos quais todos nos devemos empenhar, nas circunstâncias normais do dia-a-dia, pois cabe a todos, e não apenas aos poderosos deste mundo, construir “a civilização do amor”.

O Beato Josemaría aponta a figura do filho pródigo como modelo perene da nossa relação com o Pai: **Ânimo, aconteça o que acontecer! Bem agarrado ao braço do Senhor, considera que Deus não perde batalhas. Se te afastares d’Ele por qualquer motivo, reage com a humildade de começar e recomeçar; de fazer todos os dias de filho pródigo, até mesmo, repetidamente, ao longo das vinte e quatro horas do dia; de reconciliar o teu coração contrito na Confissão, verdadeiro milagre do Amor de Deus. Neste sacramento maravilhoso, o Senhor limpa a tua alma e inunda-te de alegria e de força para não decaíres na tua luta, e para voltares sem descanso para Deus, ainda que tudo te pareça obscuro**¹².

A vida do cristão na terra apresenta-se como caminho de contínua conversão: de começo e recomeço. Assim, acorrendo com humildade à misericórdia divina, alcançaremos a finalidade do Jubileu – uma união mais profunda com Deus – e, pela mão de Nossa Senhora, semearmos à nossa volta a paz que o mundo não pode dar.

1 JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Tertio millennio adveniente*, nn. 49-54.

2 *Ibid.*, n. 49.

3 S. LEÃO MAGNO, *Sermo VI in Nativitate*.

4 2 Cor 1,3.

5 Cfr. JOÃO PAULO II, Enc. *Dives in misericordia*, n. 8.

6 Carta apostólica *Tertio millennio adveniente*, n. 49.

7 *Ibid.*, n. 50.

8 *Ibidem*.

9 Cfr. *Ef* 5, 1.

10 JOÃO PAULO II, bula *Incarnationis mysterium*, 29-XI-1998, n. 11.

11 JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Tertio millennio adveniente*, n. 49.

12 Beato JOSEMARÍA ESCRIVÁ, *Amigos de Deus*, n. 214.

UMA MOÇÃO INTERIOR: ABBA!, PATER!

No dia 2 de Outubro de 1928, Deus fez o Beato Josemaría Escrivá ver o Opus Dei mas, posteriormente, o Fundador recebeu abundantes luzes do Espírito Santo, para concretizar alguns aspectos da missão que o Senhor lhe tinha confiado. Como se conclui dos apontamentos que o Beato Josemaría tomava, o Paráclito actuou de modo impetuoso para gravar a fogo na sua alma que o fundamento do espírito do Opus Dei é a consciência da filiação divina.

UMA MOÇÃO INTERIOR

No dia 22 de Setembro de 1931, anotou: *Estive a considerar as bondades de Deus comigo e, cheio de felicidade interior, teria gritado pela rua, para participar a todos o meu agradecimento filial: Pai! Pai! E – se não aos gritos – por dentro, pus-me a chamar-Lhe assim (Pai!) muitas vezes, seguro de Lhe agradecer*¹.

Poucos dias depois, a 2 de Outubro, completavam-se três anos desde que recebera o chamamento divino para fundar o Opus Dei. Nas notas que escreveu nesse aniversário, vibrantes de agradecimento a Nosso Senhor e do propósito sincero de ser bom instrumento nas suas mãos, não deixa de referir a filiação divina: *E houve afectos de amor para a minha Mãe e minha Senhora, e sinto-me agora mesmo muito filho do meu Pai-Deus*².

Encontram-se, nas suas notas de uma semana depois, traços da oração intensa do Beato Josemaría que nos desvendam o caminho de amor por onde o Espírito Santo o estava a levar:



O Beato Josemaría, numa reunião de família no Peru, em 29 de Julho de 1974

“*Quid facit voluntatem Patris mei..., ipse intrabit in regnum cælorum*”. *Oxalá faça eu também a tua vontade! Quero fazê-la: é isso que vou pedir, a partir de agora, àqueles que rezarem por mim*³.

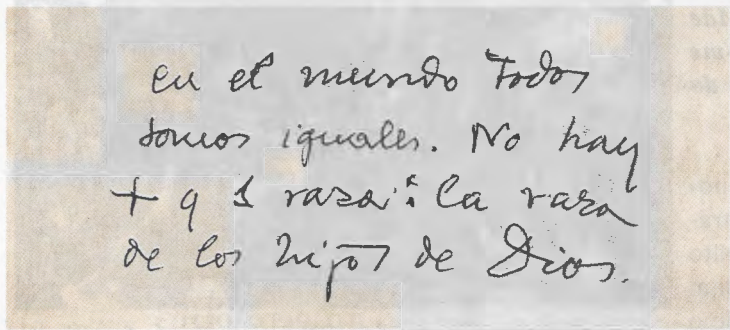
NOVA IRRUPÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

A sua oração prolongava-se sem interrupção de manhã à noite. No dia 16 de Outubro de 1931, uma nova irrupção do Espírito Santo imprimiu de modo ainda mais fundo dentro da sua alma a consciência de ser filho de Deus: *Dia de Santa Hedvigis de 1931: quis fazer oração, depois da Missa, na quietude da minha igreja. Não consegui. Na Atocha, comprei um jornal (o A.B.C.) e apanhei o eléctrico. Até agora, ao escrever isto, não fui capaz de ler mais que um parágrafo do jornal. Senti afluír a oração de afecto, copiosa e ardente. Assim viajei no eléctrico e até casa*⁴. Por evocações posteriores que o Beato Josemaría fez desta experiência, podemos entender melhor a projecção deste acontecimento na sua vida e no espírito do Opus Dei: *Senti a acção do Senhor, que fazia germinar no meu coração e nos meus lábios, com a força de algo imperiosamente necessário, esta terna invocação: Abba! Pater! (...)*.

*E andei pelas ruas de Madrid, talvez uma hora, talvez duas, não o posso dizer, o tempo passou sem eu me dar conta. Devem ter-me tomado por louco. Estive a contemplar com luzes que não eram minhas a verdade assombrosa, que ficou acesa como uma brasa na minha alma, para nunca mais se apagar (...). Entendi que a filiação divina haveria de ser uma característica fundamental da nossa espiritualidade: Abba, Pater! E que, ao viverem a filiação divina, os meus filhos viveriam cheios de alegria e de paz, protegidos por um muro inexpugnável; que saberiam ser apóstolos desta alegria, e saberiam comunicar a sua paz, também no meio do sofrimento próprio ou alheio. Justamente por isto: porque estamos persuadidos de que Deus é nosso Pai*⁵.

SENTIDO DA MENSAGEM

A mensagem que o Beato Josemaría recebeu do Céu nesse dia destinava-se a todo o Opus Dei e o sentido da filiação divina em Cristo manifestou-se claramente como o fundamento do seu espírito: «A alma do Fundador, enri-

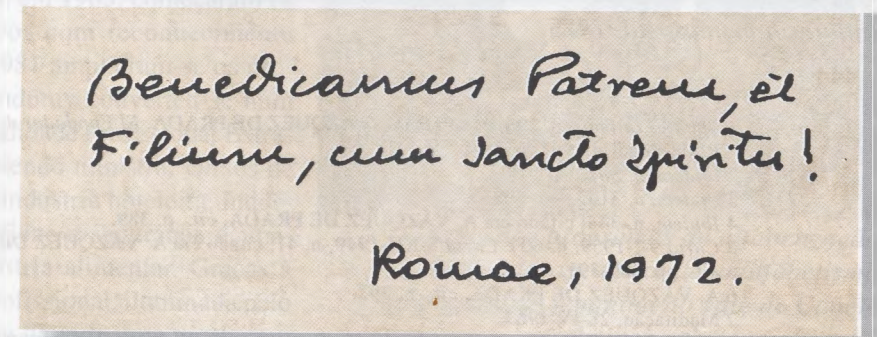


Texto manuscrito do Beato Josemaría

quecida por esta particular consciência da filiação divina, infundiu essa realidade em todos os aspectos do espírito da Obra. As verdades e mistérios cristãos – o facto de, redimidos do pecado, termos sido elevados à ordem sobrenatural e tornados filhos adoptivos de Deus, deificados pela graça e chamados à intimidade com a Santíssima Trindade – adquiriram desde então um lugar especial, na meditação e na vida interior do Pe. Josemaría. De tal modo, que esse traço da filiação divina acabou por impregnar todo o espírito do Opus Dei e a vida de piedade de cada um dos seus membros, que procuram viver a autêntica liberdade dos filhos de Deus; que trabalham não como assalariados mas como herdeiros da glória; que se esforçam de modo particular por se darem com Deus com a intimidade de um filho que se sabe amado; que no seu apostolado se sentem corredentores com Cristo para reconduzirem as almas ao Pai; e que recebem a felicidade ou o sofrimento, a doença ou a morte, como vindas das mãos amorosas do nosso Pai Deus»⁶.

Seria muito extenso mostrar toda a riqueza com que o Fundador do Opus Dei falava na sua pregação dos diversos aspectos da vida cristã à luz da filiação divina: a oração dos filhos de Deus, a liberdade dos filhos de Deus, o trabalho dos filhos de Deus, o abandono dos filhos de Deus, a alegria dos filhos de Deus... Transcrevemos apenas dois parágrafos de uma meditação de 1963 na qual, ao evocar a experiência pessoal de 1931 narrada nestas páginas, a relaciona com o mistério da Cruz: *Quando o Senhor me enviava aqueles dissabores, pelo ano trinta e um, eu não os entendia. E, de repente, no meio daquela amargura tão grande, as palavras: tu és meu filho (Ps. II,7), tu és Cristo. E eu só sabia repetir: Abba, Pater!; Abba, Pater!; Abba!, Abba!, Abba! (Rom. VIII,15). E agora vejo-o com uma luz nova, como uma nova descoberta: como se vê bem, ao passarem os anos, a mão do Senhor, da Sabedoria divina, do Todo-Poderoso. Tu fizeste, Senhor, com que eu entendesse que ter a Cruz é encontrar a felicidade, a alegria. E a razão – vejo-o com mais clareza que nunca – é esta: ter a Cruz é identificar-se com Cristo, é ser Cristo, e, por isso, ser filho de Deus (...)*.

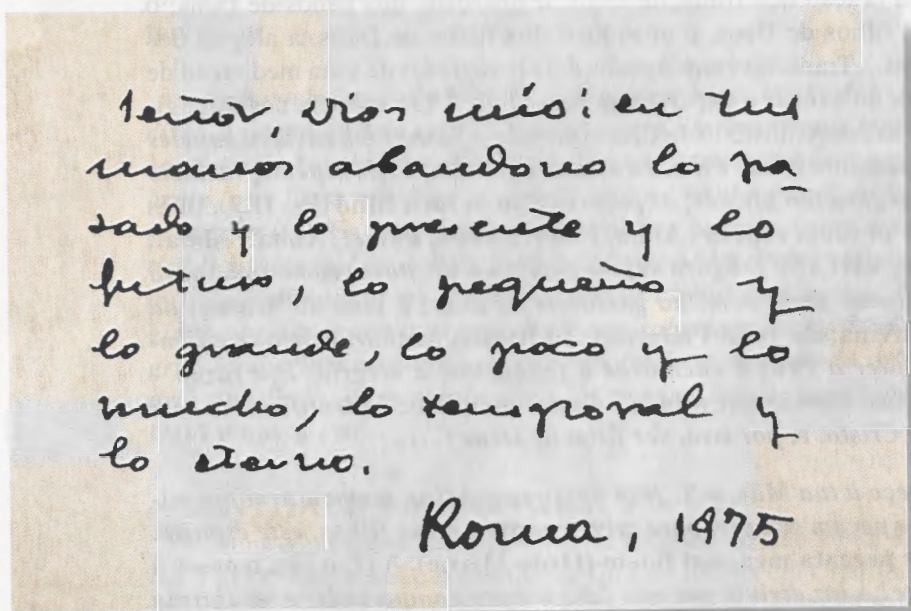
Senhor, peço à tua Mãe, a S. José nosso padroeiro, ao meu Arcanjo ministerial, que peçam sempre, para mim e para os meus filhos, este espírito. Ne respicias peccata mea, sed fidem (Ordo Missæ). A fé, a luz, o amor à Cruz, à morte! A luz divina, que nos fará sempre compreender com clareza



Jaculatória manuscrita, 1975.

que vale a pena cravar-se na Cruz, porque é entrar na Vida, embriagar-se na vida de Cristo. A Cruz!: Cristo está lá, e tu hás-de perder-te n'Ele! Não haverá mais dores, não haverá mais fadigas. Não hás-de dizer: Senhor, já não posso mais, sou um desgraçado... Não!, não é verdade! Na Cruz serás Cristo, e sentir-te-ás filho de Deus, e excluirás: Abba, Pater!, que alegria encontrar-Te, Senhor!⁷.

O Santo Padre João Paulo II escreveu, a propósito da alegria própria do cristão: «O motivo da nossa alegria é pois ter a força de derrotar o mal, e é receber a filiação divina, que constitui a *essência da Boa Nova*»⁸. A “essência” da mensagem evangélica, aquilo que resume o que Jesus Cristo nos revelou sobre Deus e sobre o homem. Verdade consoladora ante a experiência do mal – consequência do pecado – que marca os nossos dias na terra. Uma verdade que só poderemos descobrir, em todo o seu alcance, quando soubermos receber a Cruz; quando não nos contentarmos com resignar-nos com a Cruz, mas a amarmos como vinda das mãos de Deus Pai.



Jaculatória manuscrita, 1975

1 *Apuntes Íntimos*, n. 296, citado em A. VÁZQUEZ DE PRADA, *El Fundador del Opus Dei (I)*, Rialp, Madrid 1997, p. 388.

2 *Ibidem*, n. 307.

3 *Ibidem*, n. 314.

4 *Ibidem*, n. 344; citado em A. VÁZQUEZ DE PRADA, *cit.*, p. 389.

5 *Carta 9-I-1959*, n. 60 e *Carta 8-XII-1949*, n. 41; citado em A. VÁZQUEZ DE PRADA, *cit.*, pp. 389-391.

6 A. VÁZQUEZ DE PRADA, *cit.*, p. 392.

7 *Meditação*, 28-IV-1963.

8 JOÃO PAULO II, *Atravessar o Limiar da Esperança*, p. 19, resposta à pergunta n. 3, «A oração do Vigário de Cristo», Planeta, Lisboa, 1994.

SOB O SEU IMPULSO

CONDORAY: CENTRO DE FORMAÇÃO PARA A MULHER CAÑETE

Condoray é um centro do Opus Dei situado no vale de Cañete, a 145 km de Lima, no sudoeste do Peru. A principal actividade económica da região é a agricultura, sendo também importantes a pecuária, a pesca, o artesanato e a exploração mineira. As condições higiénicas de 71,6% das casas são precárias e a vida do campo em Cañete é muito dura. As raparigas, por exemplo, têm de trabalhar desde muito novas e, ao mesmo tempo, tomar conta dos filhos e dos idosos.

Antigamente, só um reduzido número de mulheres conseguia emprego, sujeitando-se a contratações precárias na colheita do algodão, dos espargos ou nos pomares, e recebendo um salário miserável. Hoje em dia, mais de vinte mil camponesas do vale de Cañete participaram nos vários programas de desenvolvimento rural promovidos por Condoray e mais de três mil, depois de frequentarem cursos de curta duração, trabalham em empresas locais ou dirigem os seus próprios negócios.

Pode-se dizer que a origem de Condoray remonta a 1956, quando a Santa Sé comunicou a Mons. Escrivá que o Santo Padre Pio XII desejava confiar ao Opus Dei uma prelatura *nullius* no Peru. Efectivamente, em 1957 a Santa Sé constituiu a Prelatura de Yauyos-Huarochirí e nomeou Mons. Ignacio María de Orbegozo, padre do Opus Dei, como Prelado. Em Fevereiro de 1962, acrescentaram-se a estas duas províncias a de Cañete e a cidade de S. Vicente de Cañete passou a ser a sede da Prelatura *nullius*.

OS COMEÇOS

Condoray iniciou as suas actividades em 1963, com o impulso do Fundador do Opus Dei. Nessa altura, era apenas uma pequena escola em que se davam aulas de artesanato, costura e cozinha. Pouco depois, em 1965, começaram os cursos técnicos com reconhecimento oficial. Em 1981 ampliaram-se os programas e Condoray converteu-se num Centro de Qualidade Profissional Extraordinária, podendo ministrar cursos de secretariado, indústria hoteleira, indústria têxtil, higiene e segurança ocupacional e indústria alimentar. Graças à preparação profissional, iluminada pelo sentido cristão da vida, que receberam em Condoray, muitas mulheres do vale



Graças aos programas de alfabetização de Condoray, a taxa de analfabetismo da população feminina do vale de Cañete baixou substancialmente. A percentagem nacional ronda os 51%.



Interior de uma casa.

se tornarem, por sua vez, formadoras de outras pessoas, têm sido uma peça chave de todo este desenvolvimento.

Para além de ajudar a resolver dificuldades pontuais causadas pela seca, pelas inundações ou pela crise económica, o objectivo de Condoray é preparar as pessoas para serem capazes de enfrentar por si mesmas as situações, com imaginação e criatividade. A mudança, neste aspecto, é notória: existe um dinamismo novo na vida social das povoações e muitos deixaram de assistir passivamente aos acontecimentos. Além disso, graças às pessoas que trabalham em Condoray, numerosas famílias descobriram na fé cristã o sentido profundo da vida.

A VISITA DO BEATO JOSEMARÍA ESCRIVÁ

O impulso e os ensinamentos do Beato Josemaría Escrivá notam-se em Cañete. Pouco mais de dez anos depois de começado o trabalho, em Agosto de 1974, o Fundador do Opus Dei foi ao Peru para realizar uma intensa catequese e o acolhimento que recebeu no Vale de Cañete foi muito caloroso.

Num dos encontros, a 13 de Julho, foram particularmente numerosas as camponesas das povoações próximas e também de algumas mais afastadas. A assembleia constituía um autêntico mosaico de



Um dos programas levados a cabo por Condoray visa melhorar as condições de vida das camponesas. 78,5% das casas não tinham serviços sanitários, nem água corrente, nem esgoto.

de Cañete melhoraram a sua preparação e conseguiram vencer muitos desafios familiares e problemas das suas comunidades. Entre outras iniciativas, foram criadas 86 explorações piloto, que constituem a fonte principal de alimentação para centenas de famílias. O projecto das quintas familiares promoveu a cultura dos legumes, que enriquecem a dieta alimentar. Outras actividades são o fabrico de sapatos, a alfabetização, os programas higiénicos e sanitários. As assistentes rurais, formadas em Condoray para

raças: rostos de feições angulosas, queimados pelo sol dos Andes; brancos e mestiços; mulatos de cabelos encaracolados; pessoas com traços asiáticos. As primeiras palavras do Beato Josemaría foram: **Venho dar-vos os parabéns pelo trabalho colossal de promoção humana que aqui se faz. Disse de promoção humana e, portanto, não apenas de formação profissional, material: é também promoção espiritual!** Esta reunião foi uma catequese dirigida directamente aos alicerces da vida cristã: **Não vos conformeis com as coisas materiais... vós queis, em primeiro lugar, levar uma vida**



Duas vezes por semana, atendem-se um total de 17 000 crianças, em 22 povoações. Na fotografia, o momento do almoço

cristã, aproximar-vos cada dia mais de Jesus Cristo, como eu também desejo. Sabeis como nos aproximamos d'Ele? Através dos meios que Ele nos deu: o conhecimento da sua doutrina e a recepção dos Sacramentos².

Conhecedor da vida de trabalho destas gentes, o Beato Josemaría exortou-as a tirarem partido das suas ocupações para se santificarem: **O Opus Dei — tu conheces o significado destas palavras — é operatio Dei, trabalho de Deus. Quer dizer, é ajudar as pessoas a serem santas no meio do mundo (...). Ora, se cada um de nós se tem de santificar no seu sítio, através do seu próprio trabalho, é preciso realizar bem esse trabalho. Não se podem fazer trapalhices [no original: hacer chapuzas]. Não sei se aqui se emprega a expressão. Como é que se diz aqui?** «Dizemos criolladas, Padre», responderam. **Criolladas, coisas mal acabadas, sem alma, sem garra. Nós havemos de trabalhar com entusiasmo, com gosto de trabalhar. Tu podes actuar assim, também porque desse modo ganhas dinheiro e elevas a posição económica da família; mas especialmente porque agrada a Deus, porque o trabalho é oração, porque o trabalho dignifica. Leva-te a ser pessoa de valor, quer dizer, faz de ti um cristão cada dia mais perfeito, santo³.**

CONDORAY NA ACTUALIDADE

O empenho de promoção social e cristã de Condoray ultrapassou já as fronteiras do Peru. Desde 1985, universitárias do Canadá, do Reino Unido, da Alemanha, da Irlanda, de França, da Bélgica e de Espanha, estiveram a trabalhar nas povoações de Cañete. Esta cooperação internacional enquadra-se em programas sociais que decorrem ao longo de todo o ano, tais como cursos de nutrição para as camponesas, primeiros socorros, costura e culinária. As cooperantes não regressam de mãos vazias aos seus países de origem, pois também aprendem exemplos de alegria cristã e de optimismo perante a adversidade e dão-se conta, conhecendo essas virtudes das gentes do vale, que a verdadeira riqueza é mais ampla que o simples bem-estar material e aprendem, nestas terras pobres, um cristianismo vivido com coerência.



Nas zonas rurais do vale de Cañete, 70% das casas são de esteira ou de adobe e não têm as mínimas condições.

1 AGP, P05 1974, II, p. 274.

2 *Ibidem*, p. 275.

3 *Ibidem*, pp. 279-281.

TEXTOS DO BEATO JOSEMARÍA

DEUS PAI

A filiação divina é o fundamento do espírito do Opus Dei. Todos os homens são filhos de Deus, mas um filho pode reagir de muitos modos diante do seu pai. Temos de esforçar-nos por ser filhos que procuram lembrar-se de que o Senhor, querendo-nos como filhos, fez com que vivamos em sua casa no meio deste mundo; que sejamos da sua família; que o que é seu seja nosso e o nosso seu; que tenhamos com Ele a mesma familiaridade e confiança com que um menino é capaz de pedir a própria Lua! (Cristo que Passa, 64).

Os filhos... como procuram comportar-se dignamente quando estão diante de seus pais!

E os filhos dos Reis, diante do seu pai El-Rei, como procuram guardar a dignidade da realeza!

E tu.. não sabes que estás sempre diante do Grande Rei, teu Pai-Deus? (Caminho, 265)

*(...) Deus é um Pai – o teu Pai!– cheio de ternura, de infinito amor.
– Chama-O Pai muitas vezes, e diz-Lhe, a sós, que O amas, que O amas muitíssimo! Que sentes o orgulho e a força de seres seu filho (Forja, 331).*

A filiação divina é uma feliz verdade, um mistério consolador. A filiação divina enche a nossa vida espiritual, porque nos ensina a conviver intimamente com o nosso Pai do Céu, a conhecê-Lo, a amá-Lo, e assim enche de esperança a nossa luta interior e dá-nos a simplicidade confiante dos filhos pequenos. Mais ainda: precisamente por sermos filhos de Deus, essa realidade leva-nos também a contemplar com amor e com admiração todas as coisas que saíram das mãos de Deus Pai, Criador. E deste modo somos contemplativos no meio do mundo, amando o mundo (Cristo que Passa, 65).

É preciso convencermo-nos de que Deus está junto de nós continuamente. – Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado. (...)

É necessário que nos embebamos, que nos saturemos de que é Pai e muito Pai nosso, o Senhor que está junto de nós e nos Céus (Caminho, 267).

Um filho de Deus não tem medo da vida nem medo da morte, porque o fundamento da sua vida espiritual é o sentido da filiação divina: Deus é meu Pai, pensa, e é o Autor de todo o bem, é toda a Bondade.

– Mas tu e eu procedemos, de verdade, como filhos de Deus? (Forja, 987).

Quando pensares na morte não tenhas medo, apesar dos teus pecados. Porque Ele já sabe que O amas... e de que massa és feito.

– Se tu O procurares, Ele acolher-te-á como o pai ao filho pródigo: mas tens de procurá-Lo! (Sulco, 880).

Parece que o mundo te cai em cima. À tua volta não se vislumbra uma saída. Desta vez, é impossível superar as dificuldades.

Mas tornaste a esquecer que Deus é teu Pai?: onnipotente, infinitamente sábio, misericordioso. Ele não pode enviar-te nada mau. Isso que te preocupa, convém-te, ainda que os teus olhos de carne estejam agora cegos.

Omnia in bonum! Senhor, que mais uma vez e sempre, se cumpra a tua sapientíssima vontade! (Via Sacra, IX).

Jesus ora no horto: Pater mi (Mt XXVI, 39), Abba, Pater (Mc XIV, 36)!. Deus é meu Pai, ainda que me envie sofrimento. Ama-me com ternura, mesmo quando me bate. Jesus sofre, para cumprir a Vontade do Pai... E eu, que também quero cumprir a Santíssima Vontade de Deus, seguindo os passos do Mestre, poderei queixar-me, se encontro por companheiro o sofrimento?

Constituirá um sinal seguro da minha filiação, porque me trata como ao seu Divino Filho. E, então, como Ele, poderei gemer e chorar sozinho no meu Getsemani; mas, prostrado por terra, reconhecendo o meu nada, subirá ao Senhor um grito saído do íntimo da minha alma: Pater mi, Abba, Pater,... Fiat! (Via Sacra, I).

Parece que teimas em desconhecer a segunda parte da parábola do filho pródigo, e ainda continuas apegado à pobre felicidade das bolotas. Soberbamente ferido pela tua fragilidade, não te decides a pedir perdão, e não consideras que, se te humilhares, te espera o jubiloso acolhimento do teu Pai Deus, a festa do teu regresso e ao teu recomeço (Sulco, 65).

De certo modo, a vida humana é um constante regresso à casa do nosso Pai. Um regresso mediante a contrição, a conversão do coração que significa o desejo de mudar, a decisão firme de melhorar a nossa vida e que, portanto, se manifesta em actos de sacrifício e de doação; regresso à casa do Pai por meio do sacramento do perdão em que, ao confessar os nossos pecados, nos revestimos de Cristo e nos tornamos assim seus irmãos, membros da família de Deus (Cristo que Passa, 64).

As palavras não podem seguir o coração, que se emociona diante da bondade de Deus: Tu és meu filho! Não um estranho, não um servo benevolmente tratado, não um amigo, que já seria muito. Filho! Concede-nos via livre para que vivamos com Ele a piedade do filho e, atrever-me-ia a afirmar, também a impertinência do filho dum Pai que é incapaz de lhe negar o que quer que seja (Cristo que Passa, 185).

ALGUNS FAVORES OBTIDOS POR INTERCESSÃO DO BEATO JOSEMARÍA

«VAMOS LÁ REZAR A ESSE TEU PADRE»

Em 1995, visitei um padre que tinha uma doença muito dolorosa há cerca de dez anos. O médico disse que era incurável. Quando estive com esse padre, as dores eram tais que lhe saltavam as lágrimas. Decidi rezar com ele a oração da pagela do Beato Josemaría Escrivá. O sacerdote disse-me que já tinha sofrido tanto que estava cansado de rezar e que já só esperava descansar depois da morte. Insisti um pouco mais e fui-me embora. Mas quando já ia na porta, disse-me: vamos rezar a esse teu padre. Começámos a rezar e, mal acabámos a oração, a dor desapareceu. Desde então não voltou a ter problemas. O médico está assombrado com a cura.

Este padre vive actualmente em Roma e, graças a este favor, tem muita devoção ao Beato Josemaría e procura difundi-la.

R. S., Kampala, Uganda, 15-VIII-1997

SERIA UMA QUESTÃO DE HORAS...

Há uns dois anos e meio apanhei um táxi. Logo que me sentei chamou-me a atenção uma pequena imagem num lugar bastante visível: o rosto sorridente do Beato Josemaría presidia o pequeno carro, ao lado do volante; por baixo, numa jarrinha, havia um ramalhete de florzinhas.

Comecei a conversa com o motorista. Notavam-se-lhe queimaduras no pescoço e em parte das mãos. Referi-me várias vezes à pagela mas, amavelmente, não deu seguimento à conversa. Como a viagem estava a chegar ao fim, voltei a insistir. Hesitou e acabou por me contar a seguinte história:

Pois olhe... vou contar-lhe como foi. O senhor vê esse mercado aí em frente? Há uns anos almoçava com a família num restaurante quando um depósito de gás rebentou. A minha mulher, os meus dois filhos e eu ficámos queimados. Levaram-nos ao hospital: o diagnóstico inicial era grave, para a minha família; quanto a mim, acharam que não tinha sequer possibilidades. Ouvi explicarem à minha mãe que era coisa de horas, até que eu morresse. O mais provável era que não passasse daquela noite. Com muita angústia, dirigi-me a Deus pedindo-Lhe que me salvasse, pois quem cuidaria da minha família? Acordei na manhã seguinte. Não sei quem me fez chegar uma pagela deste senhor padre. Agarrei-me a ela com toda a força, rezando-lhe com muita intensidade durante muitos dias... Tanto que, por vezes, parece que o via ao lado da minha cama. Para assombro dos médicos, fui melhorando pouco a pouco. Um médico ainda me disse que ficaria paralisado. Rezei mais ao padre: quem sustentará a família? Ajuda-me! Deram-me alta e comecei a reabilitação. Pude assim começar a trabalhar. Agora temos mais filhos e uma vida normal. A pagela, dei-a a outro doente do hospital e fiquei sem ela, com grande pena minha. Comecei a guiar o táxi e um dia uma senhora ofereceu-me esta. Falo longamente com ele todos os dias e lá em casa rezamos-lhe. E sei que o meu padre nos escuta e nos sorri.

R. R. P., México, D. F. 10-VIII-1997

AO FIM DE TRÊS DIAS

No final do passado mês de Dezembro, fui às compras a Montreal. Levava no bolso do casaco as chaves da biblioteca onde dou aulas. A dado momento, dei-me conta de que não estavam no bolso, procurei no carro e no estacionamento sem as encontrar. Pedi ajuda ao Beato Josemaría.

Três dias mais tarde tive de voltar a Montreal e decidi desviar-me um pouco para passar por um dos sítios onde tinha parado anteriormente. Pedi de novo ajuda ao Beato Josemaría, prometendo-lhe escrever o favor. Encontrei as chaves na rua, à beira do passeio.

M. M., Coteau-du Lac, Canadá, 20-II-1998

UMA CONVERSÃO

Num retiro espiritual, depois de ouvir falar sobre a devoção ao Beato Josemaría, decidi pedir por sua intercessão a conversão da minha tia.

A minha tia, apesar de estar baptizada, nunca tinha praticado a sua fé e estava muito afastada da Igreja. Nesse mesmo mês, o meu pai, irmão dela, foi a Praga visitá-la pois, uma semana antes, tinham-lhe diagnosticado um cancro nos pulmões. A sua intenção era falar com ela sobre a sua reconciliação com Nosso Senhor mas, sem saber como as coisas iriam correr, pediu orações.

No dia seguinte, comecei a rezar a oração ao Beato Josemaría pedindo-lhe a sua conversão e que pudesse falar com um padre. Rezei todos os dias. Cinco dias mais tarde, o meu pai telefonou-nos para nos dizer que ela já tinha falado com um padre. Tinha-se confessado, tinha recebido o sacramento da Unção dos Doentes e a Comunhão. No Domingo seguinte, iriam em peregrinação a Svata Hora u Příbram. Tudo isto é um milagre. O meu pai escreveu-me mais tarde a contar que achou a irmã muito bem disposta espiritualmente. Disse que alguém lhe tinha recomendado que falasse com um padre e ela tinha aceite. Estava perfeitamente preparada para isso. Tenho a certeza de que tudo isto foi possível graças à intercessão do Beato Josemaría. A minha tia está sumamente agradecida pela graça da conversão num período tão importante da sua vida.

H. K., Ontário, Canadá, 31-X-1997

RECUPEREI TUDO O QUE ME TINHAM ROUBADO

No dia 7 de Fevereiro de 1998 telefonei da estação central de Copenhaga. Quando acabei, notei imediatamente que a pasta – que estava atrás de mim, enquanto telefonava – tinha desaparecido. Fui logo à esquadra da polícia, ali perto, e denunciei o roubo. Disse que não havia coisas de muito valor material, só uma máquina fotográfica e umas luvas. Além disso, tinha lá o breviário, livros espirituais e alguns papéis. Segundo o polícia, talvez recuperasse a pasta mas com certeza que nunca mais veria a máquina fotográfica. Como tinha de apanhar o comboio, combinámos que eu voltaria à esquadra da polícia, no regresso, à noite, já bastante tarde. Entretanto, rezei a oração ao Beato Josemaría para recuperar a pasta e sobretudo o breviário.

Quando voltei a passar lá, à noite, perguntei pela pasta e começaram por me dar uma resposta negativa. Mas, nessa altura, apareceu o agente com quem tinha falado primeiro e tirou a pasta debaixo da mesa. Tinham-na encontrado na zona de estacionamento ao lado da estação. Abri para averiguar que coisas faltavam e comprovei que estava lá tudo: o breviário, os livros espirituais, os outros papéis e até a máquina fotográfica e as luvas. Além disso, até recebi um pequeno bónus — o ladrão tinha deixado na pasta um exemplar de um jornal estrangeiro! Achei piada à brincadeira e agradei ao Beato Josemaría.

R. H., Estocolmo, Suécia, 25-VI-1998

UMA MUDANÇA RADICAL NA PARÓQUIA

Sou padre da diocese de Ibarra. Ordenei-me há quatro anos. Fui pároco em três paróquias. Actualmente estou a trabalhar numa zona de missão chamada Intag, muito extensa e com clima subtropical. Ao receber a paróquia no dia 19 de Janeiro de 1997, fiquei um pouco decepcionado por não ver frutos imediatos. As pessoas não se confessavam e a assistência à Missa dominical era escassa, e pior ainda na Missa à semana. Tenho muita devoção ao Beato Josemaría e fui pedindo a sua intercessão durante todo este tempo. Dá-me muita alegria verificar que agora as pessoas se confessam com frequência, comungam e assistem à Santa Missa.

J. A. G., Ibarra, Equador, 25-XII-1997

DESCOBRIU O ERRO E ACERTOU A CONTA DA CAIXA

Sou caixa num banco, atendendo os clientes. Nas vésperas de Natal, numa sexta-feira, ao fim da tarde, pus-me a fechar a caixa e descobri que me faltavam 500 dólares. Revi todos os documentos para encontrar a diferença e lembrar-me de qual o cliente a quem teria pago a mais ou de quem teria recebido menos. Estava muito preocupada, pois quando perdemos dinheiro temos de o repor do nosso bolso.

Depois de rever todos os papéis sem ter descoberto nada, fiquei com um nó na alma, porque pertenceo a uma família de oito irmãos e, como se compreende, temos bastantes dificuldades económicas. A minha preocupação era onde é que eu ia arranjar o dinheiro para compensar esta perda. Peguei numa pagela de Josemaría Escrivá de Balaguer e pedi-lhe pelo meu problema com muita devoção, e disse-lhe que tinha de o solucionar. Comecei a atender o público e, lá no meio, estava um cavalheiro com a esposa e os filhos; quando se aproximou do meu *guichet* mostrou-me o *voucher* do pagamento por conta de um cartão de crédito e disse-me: é este o seu carimbo e a sua rubrica? Eu disse-lhe: sim, são meus. E ele perguntou: ontem faltou-lhe dinheiro? Respondi que sim.

Então ele disse-me que na véspera a sua esposa tinha vindo ao banco fazer uma compra de 1000 dólares para depositar num cartão de crédito e que eu lhe teria depositado 1500. Era esta a diferença que faltava. Eu não podia acreditar que me estivessem a devolver o dinheiro, mas o mais extraordinário é que este senhor que me devolveu o dinheiro se chama Balaguer.

C. W., Peru, 1-V-1998

A ALEGRIA DE UM CASAMENTO

Há dezasseis anos que uma amiga minha vivia com um homem, sem terem casado. (...) Uma vez, disse-lhe que há muito tempo estava a pedir por eles, mas que teriam de fazer algo pela sua parte, que deveriam colaborar rezando a oração da pagela ao Bem-aventurado Josemaría. A minha amiga começou a rezá-la e deu ao seu amigo, com quem vivia, uma pagela dizendo-lhe que rezasse diariamente, por um assunto de interesse para os dois. Quando visitava a minha amiga via a pagela na mesinha-de-cabeceira.

Começaram a pensar no casamento (...). Continuámos a rezar...

O companheiro da minha amiga não só tratou de tudo o que era necessário para casarem mas também se preparou, confessando-se, e depois comungou na Missa do Casamento.

C.A.L., Porto, 24-IV-1999

UM PROBLEMA INSOLÚVEL: “PEDE AO PADRE!”

Na nossa família temos uma grande devoção ao Beato Josemaría, a quem acorremos confiadamente chamando-lhe “o Padre”. Perante algum problema, sempre há alguém que sugere: «Pede isso ao Padre!». Julgo que o favor mais chamativo que recebemos foi o seguinte.

A cena passa-se em plena auto-estrada Cidade do México-Guadalajara. Os meus pais trocam as seguintes palavras:

Pai: Dás-me dinheiro para pagar a próxima portagem?

Mãe: Dinheiro? Não foste tu quem trouxe o dinheiro?

Pai: Pensei que o tivesses trazido tu!

Todos: E agora, que fazemos?

Momento de expectativa. A gasolina não chegava para regressar à cidade e não podíamos deixar de pagar as próximas portagens para concluir o trajeto. Estávamos metidos num aperto quase insolúvel... Depois de uns momentos de perplexidade, começámos todos a rezar a oração. Como a minha mãe gosta imenso, rezámos muitíssimas vezes.

Felizmente, o pai trazia algum dinheiro que chegava para pagar a primeira portagem. Mas não havia mais dinheiro.

Uns passos depois do *guichet* da portagem, o carro da frente trava, impedindo-nos a passagem. O homem que o conduzia sai e dirige-se à janela do meu pai.

Pai: Que se passa?

Sujeito: Tome, é para si.

Deu-lhe um envelope com o dinheiro exacto para terminar a viagem!

Pai: Como é que o senhor sabia?

Sujeito: Ouvi perguntarem no *guichet* onde é que havia uma estrada sem portagem.

Pai: Dê-me a sua direcção para eu lhe pagar, ao chegar à cidade do México.

Sujeito: Não, hoje por si, amanhã por mim.

Pusemo-nos todos a rezar, para agradecer o favor. Como estávamos tão eufóricos e um pouco assustados pelo que tinha acontecido, o pai levou-nos a almoçar. E o dinheiro chegou à justa para a gasolina, as portagens e o almoço dos meus pais e dos cinco filhos.

M. T. E., México, D. F., 26-VI-1998

NÃO MERECEIA O FAVOR

Escrevo para cumprir uma promessa de há alguns meses. Encontrava-me num certo período de crise, devido principalmente à minha insatisfação no âmbito profissional. Desde há quase dois anos que não estava satisfeito com o meu trabalho e isso tinha-se repercutido no meu estado de ânimo. Junta-se a tudo isto que o trabalho me obrigava a estar longe da família. Dou-me conta de que estas coisas podem parecer problemas menores, comparados com os de tantas outras pessoas, mas posso garantir que estava a viver num estado de profundo desespero.

Há seis meses, estava em Roma por razões profissionais e, como tinha tempo antes da hora marcada, decidi dar uma volta pela cidade. Por casualidade, encontrei-me junto da igreja onde está enterrado o Beato Josemaría e decidi entrar. Depois de ter lido o *Boletim Informativo*, pedi-lhe que me ajudasse a resolver os meus problemas e me desse um sinal da sua intercessão.

Devo explicar que não sou crente nem sei explicar porque me pus a rezar. Na sequência daquela entrevista profissional, a minha vida mudou radicalmente. Posso afirmar que estou plenamente satisfeito com o meu trabalho e

com as perspectivas que se abrem para o futuro. Desejo agradecer ao Beato Josemaría o que me aconteceu e que provavelmente eu não merecia e peço-vos que, se for possível, publiqueis este pequeno episódio.

X. X., Roma, Itália, 7-VII-1997

A CURA DA DROGA

Parágrafos de uma carta escrita por um casal a um padre do Opus Dei:

“Desde aquele nosso encontro, a nossa vida tomou novo ânimo, passámos a rezar a oração a Josemaría Escrivá, pedindo a cura de todas as drogas, para sempre. Todos os dias, a nossa oração tem sido um pedir a Deus contínuo.

Aos poucos, a Fé, a Esperança, a Alegria, o Amor, a Verdade têm-se manifestado no coração até agora empedernido do nosso parente. Começámos a reconhecê-lo. Por outro lado, o processo da cura está a realizar-se.

Ele tem manifestado uma vontade firme de pôr ponto final nas drogas. O primeiro passo foi o internamento numa casa de repouso para a limpeza do organismo sempre acompanhado por um de nós. Assim decorreram os dias da novena. Louvado seja Deus, pela força, o amor, com que nos tem abençoado.

Louvado seja também Josemaría Escrivá que tanto tem intercedido por nós.

Peço ao Sr. Padre que reze por nós nas suas orações para que o processo de cura siga a bom termo e que o Divino Espírito Santo seja derramado nos nossos corações, nos nossos filhos, irmãos, pais e todos os trabalhadores da nossa empresa.

Há dias, perante a alegria que transparecia em todos, pela sua cura, o nosso familiar chorou de arrependimento e ternura e as palavras que nos disse ao princípio voltaram ao nosso espírito.”

Portugal, 7-I-1999

CURA DE UMA DOENÇA GRAVE

Em 1984, fiquei gravemente doente, com temperaturas altíssimas. Fui ao médico, fizeram-me análises e detectam uma infecção. De repente, dou conta de um gânglio. Faço novas análises, mandam-me para o Instituto Português de Oncologia, fazem-me uma biopsia, mas não descobrem o que tinha. Continuo muito doente e quase deixo de andar.

Em 1988, dou entrada no Hospital da Universidade de Coimbra, onde estive internada durante 3 meses. Depois dos estudos feitos, fui operada e extraíram-me a vesícula, aproveitando para me tirar alguns dos gânglios, que entretanto se tinham espalhado por quase todo o corpo.

Na operação, recebi anestesia geral mas fiquei a ouvir tudo o que os médicos diziam. Quando me abriram, o médico disse para os outros colegas que tinha pena de mim, porque eu estava cancerosa. Quando ouvi isto, a tensão arterial disparou, chamaram o cardiologista e fiquei 3 dias em estado crítico. Depois de 3 dias, tendo eu a cabeça inclinada, por causa da sonda que tinha na narina, abri os olhos e deparei com um *Boletim Informativo* sobre Mons. Escrivá. Ao olhar, pedi-lhe que intercedesse para que as análises não dessem nada que fosse cancro.

Assim foi, graças a Deus e a Mons. Escrivá. As análises acusavam doença infecciosa, mas felizmente com possibilidades de cura.

Não tenho dúvida de que estou curada. Recuperei o peso (tinha perdido 18 kg). Sinto-me muito bem e as análises confirmam-no.

Venho agradecer a graça recebida e publicá-la.

M. I., Seia, 1-II-1999

servicio de Bibliotecas
Universidade de Navarra

OBRAS PUBLICADAS DO BEATO JOSEMARÍA

Caminho. «Mons. Escrivá escreveu algo mais do que uma obra-prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e ao coração chegam directamente também os breves parágrafos que formam CAMINHO...» (*L'Osservatore Romano*, 24-III-1950). A primeira edição deste livro é de 1934, com o título de *Consideraciones espirituales*. Hoje são já 331 edições, em 42 idiomas, com 4 172 000 exemplares*.

Santo Rosário. Livro de meditações sobre cada um dos quinze mistérios da vida de Cristo, que se contemplam ao rezar o Santo Rosário. A primeira edição publicou-se também em 1934. Desde então apareceram 121 edições, em 22 idiomas, e 686 000 exemplares*.

Temas Actuais do Cristianismo. Mons. Escrivá responde, por escrito, às perguntas formuladas por várias revistas e jornais de diferentes países. A primeira edição é de 1968. Publicaram-se 55 edições, em 9 idiomas, com 330 000 exemplares*.

Cristo que Passa. O livro recolhe algumas homilias, que constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristã. Prólogo escrito por D. Álvaro del Portillo. A primeira edição é de Março de 1973. Surgiram já 86 edições, em 13 idiomas, com 465 000 exemplares*.

Amigos de Deus. Colectânea de outras 18 homilias, nas quais o autor tomou as virtudes cristãs como fio condutor do seu colóquio de amizade filial com Deus. Prólogo escrito por D. Álvaro del Portillo. Livro publicado em 1977, contando-se já 73 edições, em 12 idiomas, com 383 000 exemplares*.

La Abadesa de las Huelgas. Um penetrante estudo teológico-jurídico, realizado a partir das fontes e documentação inédita sobre o caso extraordinário de jurisdição quase episcopal da abadessa do famoso mosteiro de Burgos. A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda edição data de 1974. Publicou-se uma terceira edição em 1988.

Via-Sacra. Obra de Monsenhor Escrivá, fruto da sua contemplação das cenas da Paixão do Senhor. A primeira edição publicou-se em Fevereiro de 1981. Surgiram já 68 edições, em 16 idiomas, com 381 000 exemplares*.

Sulco. «Do mesmo modo que *Caminho* (...), *Sulco* é fruto da vida interior e da experiência de almas de Mons. Escrivá» (Do prólogo de D. Álvaro del Portillo). A primeira edição publicou-se em Outubro de 1986. Surgiram já 66 edições, em 18 idiomas, e 430 000 exemplares*.

Forja. A última obra publicada, *Forja*, «é um livro de fogo, cuja leitura e meditação pode meter muitas almas na frágua do Amor divino e inflamá-las em afãs de santidade e de apostolado, porque este era o desejo de Mons. Escrivá» (Do prólogo de D. Álvaro del Portillo). A primeira edição publicou-se em Outubro de 1987. Fizeram-se 40 edições, em 10 idiomas, e 442 000 exemplares*.

Amar a Igreja. Uma colecção de quatro homilias sobre a missão sobrenatural da Igreja, o sacerdócio e a fidelidade do cristão à Esposa de Cristo. Publicaram-se já 13 edições, em 8 idiomas, com 41 000 exemplares*.

*Editados em português. Pedidos às livrarias.

Universidad de Navarra
Servicio de Bibliotecas

Ano de 1999